

ggs Artes

PICASSO EM GRAVURAS CHEGA AO PORTO

Cem exemplares de uma das coleções mais importantes do século XX estarão pela primeira vez no Norte do País, numa exposição da Taylor's com o Museu da Misericórdia do Porto, no Palácio das Artes. Por Filipa Teixeira

*Le Repos
du Sculpteur
et la Sculpture
Surréaliste,
de março de
1933, surge
no núcleo
Ateliê do
Escultor*

**PABLO PICASSO:
SUITE VOLLARD**
PALÁCIO DAS ARTES,
PORTO
Até 11/9 • Todos os dias,
10h-20h • €10



ENTRE 1930 e 1937, Pablo Picasso desenhou uma das coleções de gravuras mais importantes do século XX. *Suite Vollard*, assim chamada em homenagem ao mecenas Ambroise Vollard, que encomendou este trabalho e entretanto morreu num acidente de automóvel, em 1939, é composta por 100 gravuras onde o traço neoclássico do pintor malaguenho se desenrola por sete temáticas.

“É uma mais-valia trazer esta exposição ao Porto, a cidade da arquitetura e do desenho”, comenta Charlotte Crapts passando pelas várias salas do Palácio das Artes, intervencionadas pelo arquiteto Duarte Moraes Soares para receber esta série. Com as luzes baixas, a humidade e a temperatura controladas e gravuras sobre paredes vermelhas, a comissão de arte holandesa vai des-



construindo a estética clássica, a mitologia e o instinto e o intelecto por trás destas criações.

A coleção, pertencente à Fundación MAPFRE e já foi mostrada há 22 anos em Portugal, no Centro Cultural de Cascais, é apresentada numa sucessão que começa com o *Tema Livre*, em que o pintor divaga por temáticas dispersas, passando em seguida pelo *Ateliê do Escultor*,

“É uma mais-valia trazer esta exposição ao Porto, a cidade da arquitetura e do desenho”, comenta a comissária, Charlotte Crapts

*Minotaure
Aveugle Guidé
par une Fillette
dans la Nuit,
de novembro
de 1934,
domina o
núcleo Mino-
tauro Cego*



sobre a ligação do artista aos seus modelos, numa união de forças ao serviço da criação.

Segue-se a volúpia em *A Batalha do Amor*, um emaranhado de desenhos eróticos, impulsivos e violentos, e *Minotauro Cego*, com uma das gravuras mais poderosas da série: *Minotaure Aveugle Guidé par une Fillette dans la Nuit*. “Para Picasso, o Minotauro era uma figura tão frágil como brutal”, explica Charlotte, sintetizando a dicotomia homem/animal, intelecto/instinto, dominante na pulsão criadora do artista. A série termina com *Rembrandt*, uma homenagem a “um dos artistas mais admirados por Picasso”, e três retratos de Ambroise Vollard.

Para reproduzir o contexto parisiense em que *Suite Vollard* nasceu, nos anos 1930, a comissão da exposição trouxe para o Palácio das Artes mobiliário de época – distribuído pela entrada, com uma bilhe-

teira antiga em madeira, e o Taylor’s Lounge, uma espécie de salão de chá adjacente à exposição, onde os visitantes podem beber vinho do Porto. “As cadeiras e as mesas eram d’A Brasileira”, conta, entusiasmada: “Encontrei-as num antiquário em Espinho.”

Livros da conceituada editora Cahiers d’Art, com especial destaque para *Picasso: In the Studio*, um registo fotográfico detalhado e íntimo sobre a visão conceptual do artista, estão também disponíveis para consulta, bem como fotografias pessoais, que ilustram a época e revelam a ligação do pintor à cidade do Porto.

Suite Vollard resulta da primeira colaboração “com o intuito de se reativar culturalmente o centro histórico”, entre a marca Taylor’s e a Misericórdia do Porto. Segundo o seu provedor, António Tavares, “é para continuar”: na calha está já uma exposição da Fundação Alberto Giacometti, de Paris, ainda sem data definida. ■

UM APARTE: A FICÇÃO PODE EXPOR O REAL

Momento À Parte mostra os 20 anos de trabalho artístico de Vasco Araújo, no MAAT

PEÇAS nunca antes expostas em Portugal, gargalhadas por todo o edifício da Central Tejo e uma marcha – *Momento À Parte* reúne obras de Vasco Araújo desde o início da carreira como artista plástico e performer e estará no MAAT (edifício Central Tejo) de 4 de junho a 9 de setembro.

Com curadoria de Inês Grosso e Ana Cristina Cachola, é uma antologia dos últimos 20 anos de trabalho. “Acaba por focar muito a ideia de voz e identidade” e, através de diversos dispositivos cénicos do teatro ou da ópera, “reflete-se sobre o que a ficção diz sobre a realidade”, resume Vasco Araújo à **SÁBADO**.

O título da exposição evolui do “aparte” do teatro renascentista, em que o ator revela um segredo ao público, gerando uma catarse. “É um momento de intimidade e revelação”, justifica Vasco, sublinhando que a maioria das peças “não é exposta há muito” e algumas nunca foram

sequer expostas em Portugal, como *Perruque*, a instalação de oito perucas e som incorporado que passou por Paris e Toronto. Há ainda a peça criada para esta exposição: gravações de risos e pequenos diálogos, que se espalham pelo edifício “como se o riso fizesse a tal catarse”.

Em complemento, salientando o lado performático da obra do artista, na inauguração (terça, 4, às 19h) acontece *Libertas – Da Condição da Pessoa Livre*, que imaginou há 15 anos mas nunca concretizou: um grupo de pessoas de branco (do coro Lisboa Cantat e selecionados de um *open call*) entoam *O Coro dos Escravos*, da ópera de *Nabucco*, de Verdi, enquanto atravessam o Tejo de barco, até Belém, e seguem a pé até ao MAAT. “É uma marcha de libertação, funciona como uma purga e um ato de consciência: de que é que precisamos de nos libertar?” ■ **CM**



A instalação *Perruque* (2008), de Vasco Araújo, é apresentada pela primeira vez em Lisboa